



TECENDO A ESCRITURA – UMA ESTRANHA DISCIPLINA CHAMADA LABORATÓRIO DE CRIAÇÃO LITERÁRIA

WEAVING THE WRITING — A STRANGE SCHOOL SUBJECT CALLED LITERARY CREATION LABORATORY

Cid Ottoni Bylaardt*

RESUMO

Este texto pretende narrar uma experiência singular de ensino de literatura: a prática da escrita criativa. Um tipo de ensino que talvez se distinga das outras modalidades acadêmicas de ensino de literatura, no sentido de que, ao invés de falar sobre a literatura, o estudante vai fazer literatura. Essa experiência, ou essas experiências, têm-se realizado nos últimos dez anos, numa disciplina chamada Laboratório de Criação Literária. O relato aqui apresentado não tem um feitiço propriamente acadêmico, metodológico, demonstrativo. Antes, procura rememorar, de forma precária não obstante, como qualquer tentativa de registro da memória com palavras, alguns dos momentos que marcaram esses experimentos, plenos de emoção e paixão. Entremeados ao texto, podem-se ver as reproduções de algumas capas dos livros que foram publicados em cada edição do Laboratório, bem como alguns exemplos da criatividade dos alunos, em textos curtos como o *hai-kai*, o epigrama, o microconto, e pequenos poemas. O presente depoimento pretende, de alguma maneira, registrar, ainda que precariamente, uma experiência que foi profundamente marcante para muitos alunos, tanto de Letras quanto de áreas afins, como a Filosofia, a História, o Cinema e as Artes.

Palavras-chave: Escrita artística. Laboratório. Criação.

ABSTRACT

This paper aims to tell a singular experience of literature teaching: the practice of creative writing. Maybe this kind of teaching is different from other kinds of academic teaching of literature, because, instead of talking about literature, the student is supposed to make literature. This experience, or these experiences, have been performed in the last ten years, in a discipline called

* Professor Associado II de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Ceará. Bolsista de Produtividade do CNPq. <http://orcid.org/0000-0002-2090-431X>

literary Creation Laboratory. The report presented here doesn't have a properly academic, methodological, demonstrative character. Instead, it seeks to memorize, although in a precarious manner, as any attempt to register memory in words is, some moments that marked these experiences, full of emotion and passion. Among the text, one can see the reproduction of some book covers, as well as samples of the students' creativity in short texts like haikus, epigrams, micro short stories and small poems. This report, thus, aims to register, though in a precarious manner, an experience that was deeply marking for a lot of people, not only Letters students, but Philosophy, History, Cinema, and Arts students as well.

Keywords: *Artistic writing. Laboratory. Creation.*

O curso de Letras da UFC ostenta em sua grade curricular uma estranha disciplina chamada Laboratório de Criação Literária. Ora, direis, por que estranha se é exatamente o curso de Letras o mais adequado para receber tal disciplina? Deveria ser, sim, apesar de algumas atitudes insinuarem o contrário. Encenemos um diálogo entre docente do curso de Letras e aluna ou aluno:

– Professor, professora, tenho aqui um conto /um poema /um romance que escrevi, acho que está bom. Você poderia dar uma lida e dizer algo?

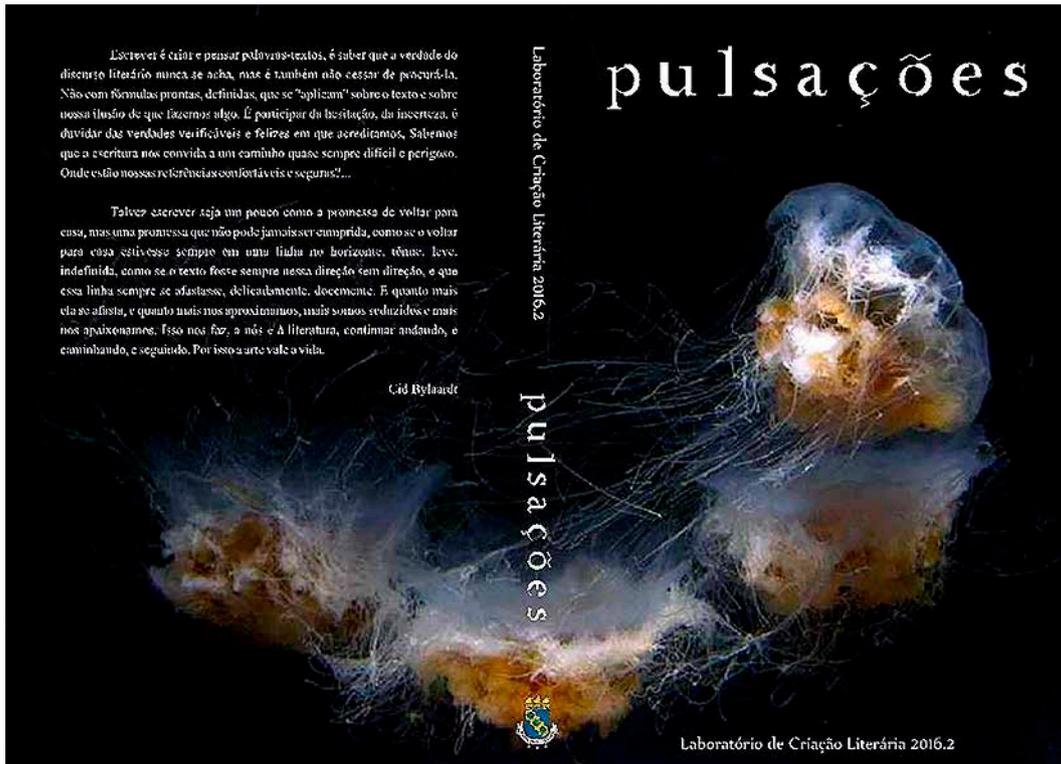
– Olha, infelizmente não tenho muito tempo agora, e acho também que você não precisava ficar perdendo tempo com essas coisas. E a leitura do Saussure, do Chomsky, do Antonio Candido, do Massaud Moisés, você já terminou? E o artigo do final da disciplina, está pronto? E a prova da semana que vem? Deixa esse negócio de poema pra depois. Isso é para sonhadores.

Rabo no saco, viola entre as pernas.

Numa escola de dança, as pessoas dançam. Numa escola de música, as pessoas compõem, interpretam. Numa escola de Artes Plásticas (algumas ainda se denominam Belas Artes...) as pessoas esculpem, pintam, desenham, fazem instalações artísticas. Numa escola de Teatro, as pessoas representam... Numa escola de Letras, curiosamente, os alunos parecem ser incentivados a não produzirem textos criativos, por diversas razões, e uma delas é que a literatura está “pronta”, por que, para que escrever mais? Então dá-lhes Massaud, Candido, Compagnon, Vitor Manuel, Wellek & Warren.

Por que as chamadas disciplinas teóricas não podem também conter instantes de criação? Numa disciplina de Literatura Brasileira IV, uma leitura indicada foi um monumento chamado *Grande Sertão: Veredas*. E a prova, a verificação de leitura, a avaliação consistia no seguinte: escolha de uma lista um personagem do romance e escreva um texto narrativo ecoando a voz deste personagem, que vai contar à sua maneira as peripécias em que se envolveu no romance. Entre eles, o Diabo, o cavalo Siruiz, a prostituta Nhorinhá, o cego Borrromeu... Alguns alunos se sentem desconfortáveis, porque isso não sói acontecer na Academia (Brasileira IV é das últimas disciplinas...). Como escrever uma narrativa numa prova oficial? Uma escrita criativa? Isso não é uma disciplina séria... Onde o rigor científico? Onde a metodologia? Rosa remexendo-se no túmulo, o capital simbólico da grande literatura sendo abalado em seus alicerces, por que não falar da estrutura profunda do romance, a organicidade dos órgãos que desempenham funções perfeitas e adequadas, a sociologia o mundo da jagunçagem, por que não aplicar a hermenêutica contra os mistérios do sertão, a vingança da inteligência contra a arte?

Figura 1 - Capa do livro *pulsações*



Fonte: livro *pulsações*.

Mario Quintana (2003, p. 138) em carta a um jovem poeta, refere-se a uma frase dita por Jacob a um anjo com quem luta, o poeta e a poesia: “Eu não te largarei até que me abençoes” Esse parece ser o espírito da luta sagrada que os escritores que querem escrever travam com a escritura. Tecendo a escritura: o tecer contínuo, interminável, de uma *escritura* que só termina por acidente de publicação, e ainda assim só na apresentação, na necessária exibição pública, a qual não melhora nem piora o texto, que permanece lá, mexendo-se, transformando-se sempre, desdobrando-se em outras escrituras, alheio ao movimento social. Escrever não é uma técnica, não é um saber; escrever é uma espécie de sadia alienação, uma luta com o anjo que nunca nos abençoa totalmente, mas nunca deixa de nos abençoar, anunciando uma batalha interminável, que nem a vaidade do lançamento e da publicação conseguem apaziguar. Como disse um poema de Drummond (2002, p. 248) uma vez,

e nada resta, mesmo, do que escreves
e te forçou ao exílio das palavras,
senão contentamento de escrever

Talvez esse contentamento de Drummond encerre mais do que alegria: é igualmente angústia, esforço, decepções, iluminações.

Alguém um dia teve a feliz ideia de transformar todo esse delírio em uma estranha disciplina acadêmica: Laboratório de Criação Literária. Num encontro de nosso grupo de pesquisa, já faz dez anos, a Yvanna, então aluna da graduação, acusou a existência da mencionada estranha disciplina. A musa do oráculo teve a ousadia de desafiar: “Vá e faça”, com outros dizeres que tornaram mais verdes em seu dizer o verdor dos campos. Ainda tomado de perplexidade seguimos o caminho vagamente indicado pela sibila. Fomos em busca do Projeto Pedagógico: a cadeira, matéria, dis-

ciplina estava lá, código HG0083. Chamou a atenção a redação da justificativa e da ementa, que colocamos em discussão logo no primeiro encontro da primeira turma. Estava lá (e ainda está):

Justificativa:

Justifica-se a criação do Laboratório de Criação Literária ante a dificuldade que os alunos do Curso de Letras têm de produzir textos inventivos e práticas crítico-ensaísticas essenciais à formação humanística discente e à prática docente.

Ementa:

Disciplina eminentemente prática que visa a repassar ao aluno as técnicas de composição dos modos poético, narrativo, dramático, crítico e ensaístico, de modo a capacitá-lo na produção de textos de invenção literária e nos de elaboração do discurso crítico e ensaístico.

Sem deixar de agradecer enfaticamente a algum colega precedente a brilhante ideia de propor uma disciplina de escrita criativa (a única entre dezenas que são eminentemente anticriativas), fizemos uma reflexão sobre a proposta. Não gostaríamos, de início, de partir de uma dificuldade (embora não as ignoremos), mas de um desejo, de uma necessidade. Todos quantos se matricularam naquela primeira turma de 2010 (bem como os das demais turmas dos anos seguintes) expressaram, mais do que uma dificuldade, uma inquietação diante da criação artística com palavras. Também não parecia haver grande preocupação com formação humanística e muito menos com prática docente como justificativa para a procura destas aulas.

Embora alguns ainda manifestassem certa expectativa quanto ao aprendizado de técnicas de composição, tal componente foi afastado com veemência, a começar pelo condutor dos encontros, para quem técnica vai de encontro à criação. E todos, com o passar do tempo, perceberam que a técnica não era bem-vinda naquele ambiente. O único requisito técnico era que as pessoas fossem alfabetizadas. Sim, estudamos o soneto, o conto (bem como o microconto), o haikai, o texto dramático, mas lemos igualmente todas as suas transgressões e deformações. Banimos também de nosso espaço a elaboração do texto crítico e ensaístico e investimos toda nossa energia na criação, na invenção, na liberdade de expressão, ainda que desconfiássemos de que esta última é mais retórica do que propriamente uma possibilidade plena em nossa cultura. Não a teríamos, mas não cessaríamos de procurá-la.

Era necessário fugirmos da teoria, das convenções, das licenças codificadas. Lembrei-me de uma mesa de escritores que em certa feita foi formada num evento na UFC: Tércia Montenegro, Rodrigo Marques, Nilto Maciel e o escriba destas reflexões. Cada um deu seus depoimentos sobre o ato de escrever, conversa prazerosa e estimulante. No testemunho do Nilto Maciel, o contista mencionou algo sobre estar em “desvantagem” em relação aos demais companheiros de mesa, uma vez que ele vinha da área Jurídica (se está aferida a maquininha de lembrar), e a Tércia, o Rodrigo e eu éramos e somos da área de Letras. Tive que contestar o colega, argumentando que a desvantagem era nossa, já que tínhamos tanta teoria e tanta metodologia e tanta forma preestabelecida na cabeça que, antes de escrever, era necessário despejar tudo em uma enorme lata de lixo bem à entrada do mundo das palavras criativas. Chô, passarinho! Escreva com teorias e métodos e verás que droga fizeste.

Se a ideia é recusar as convenções, que fazer com a figura do professor, aquele que determina, que dita, que repassa ao aluno um saber, como reza a ementa da HG0083?

Quem é esse sujeito que presume ser capaz de ensinar a escrever com arte? Algo tem que ser feito, pensei, e se não há nada a ensinar, mate-se o professor. Assim se fez, para alegria destes, para ressaibo daqueles, para espanto daqueles outros. Uma disciplina sem professor. Animador, então? Sensibilizador? Incentivador? Encorajador?

Sem o que ensinar, a disciplina se transformou condignamente em indisciplina. É o que se precisa para escrever. Indisciplina, desleixo, impaciência, paixão, atitudes que se desfecham não contra o ato de escrever, mas contra tudo o que quer ordená-lo, enquadrá-lo, submetê-lo. Escrever é buscar a própria liberdade. Não importa o olhar do terceiro, a recepção bajuladora ou condenatória. Cumpre escrever: quem ler lerá.

Esse é o espírito dessa querida indisciplina, o Laboratório de Criação Literária. Local de trabalho, segundo os romanos, campo de experimentações. Oficina onde se concentram os raios luminosos do revérbero, intensa luminosidade que transpassa, ultrapassa a razão iluminista, que acolhe e estranha o clarão, tão intenso que cega, desnorteia e faz escritura.

Por que se escreve, afinal; o que é escrever, afinal? Nomes conhecidos deram suas opiniões... segundo Bernardo Soares, ou Fernando Pessoa, ou os dois, “Escrever é esquecer. A literatura é a maneira mais agradável de ignorar a vida”

(1999, p. 140); consoante Maurice Blanchot (1987, p. 24), “[...] é entrar na afirmação da solidão onde o fascínio ameaça” ; de acordo com Adélia Prado (1999, p. 22) é uma experiência de alta felicidade que não recusa absolutamente nada; em concordância com Mario Quintana (2003, p. 21), a escritura é interminável: “Um poema só termina por acidente de publicação ou de morte do autor”; para o outro Mário, o de Andrade, é investir, de espada em riste, contra moinhos de vento; conforme Marcel Proust (1988, p. 39), é reencontrar sensações independentes da razão: “Cada dia dou menos valor à inteligência”; para Rainer Maria Rilke (2009, p. 27), é perguntar: eu morreria, se não pudesse escrever?: “basta sentir que seria possível viver sem escrever para não ter mais o direito de fazê-lo”.

Nomes não tão conhecidos mas não menos apaixonados que estiveram no laboratório disseram: escrever é a esperança na caixa de pandora (Leonel Teles); nos ombros carregar o mundo inteiro! (Daniel Pacheco); novelo de uma só ponta perdida, desapontada, sem rumo não aponta (Thiago Fonseca); tentativa de reconstruir ou instaurar uma verdade pela primeira vez – mesmo que seja para perdê-la logo em seguida (Airton Uchoa); trincar todos os dentes, gritar e chover contra o céu (Tito de Andréa); esforço de alcançar um mundo inexistente (Arlene Vasconcelos); há uma luz vermelha e frágil no fim do túnel (Lúcia); para lá e para cá, um rolo de tinta prata goteja chão de estrelas (Juliana Guedes); é jangada ao mar! sem nome e sobrenome, apenas uma jangada (Marcia de Mesquita); pouco a pouco, morrer de amor (Beatriz Saldanha); escrever é o derramamento de si, fora de si! (Flávia de Lima); pegou a mala, preencheu-a de sonhos... e foi (Dariana Gadelha); essa gentil angústia que chega silenciosa e sutil (Jessika Anastácio); sístole, diástole, arrebatamento, arrebato (Thais Paiva); é a poesia, que me chega por todos os poros e de todos os meios e que só não te usa por ser a tua aparição a perfeita materialização da poesia (Rebeca Xavier).

E tem mais: talvez escrever seja isso mesmo, um conforme que se desdobra, um consoante que se inquieta, um de acordo em desacordo, uma concordância discordante, um segundo infinito... é o que mostram esses maduros jovens escritores, que fazem da escritura calcada em fatos irreais uma desrazão para viver, das dessemelhanças múltiplas coincidências para persistirem, única persistência possível, em sua inquietação em torno da escritura.

Pedinte

Era feio, baixo, magro e fedia:
– Tio, me dá um dinheiro pra
eu comprar um sonho?

É dando que se recebe

Ela o encheu de beijos.
Ele a encheu de filhos.

(Flávia de Lima)

Mas não para aí. Sara Pinheiro arrisca, incerta: “Ah a escrita! Ahhhhh como é fascinante e misterioso falar sobre ela! É tão complexo que se torna difícil escrever alguma coisa sobre o ato de escrever!”. Laila Rayssa quer fazer-se caminho, “Mas a linguagem não me encontra / Onde será que estou?”. Para Fá Babini, “Escrever é como mergulhar no mar e não saber nadar. E as palavras sussurram, com uma gentileza assustadora: quantas lágrimas são necessárias para preencher a imensidão dos oceanos?”. Willamy Fernandes titubeia: “Esse jogo não para nunca, às vezes quase encaixa, mas fica sempre um troço sobrando, ridículo, desconfortável (tem gente que não é feito pra abraçar). Mas é isso: eu vou parar tudo eu vou parar o mundo vou para o universovoupararoeu.” Romário aposta no coração: “Escrever para mim é acima de tudo passar emoção e, através de nossas emoções, transformar, mesmo que só um pouco, o coração dos outros.” Bárbara Furtado busca auxílio em outra língua: “When I read and I watch, things happen that I don’t like. And while I don’t always control my characters, I sure as hell make sure they always get the best of life.” Melka Silva se sente soçobrar na escrita: Naufrágio // Tormenta, / Inquietação em alto mar. Consoante Lee Pontes, “O poema / é o espinho na alma / rancado a pena.” Segundo Juliano, escrever é sentir o sabor “Dessa doce e sadia ilusão, / Que de tão verdadeira e intensa, / Já não poderia concebê-la assim.” Maria Lima exorta as palavras: “gritem, falem, dancem, cantem,

hai-kai

lua sorridente
feito rede no alpendre
deitar e sonhar

(Leonel Teles)

VAMOS, mexam-se, movam-se, perturbem-me, atrapalhem-me, não sejam inertes, não me imobilizem...”. Para Jamaica Castelo Branco, “Minha emoção maior consiste em ser, estar, em poder correr por olhos, voar por páginas e despentear pensamentos. Porém, minha vida só é completa se a escrita for.”

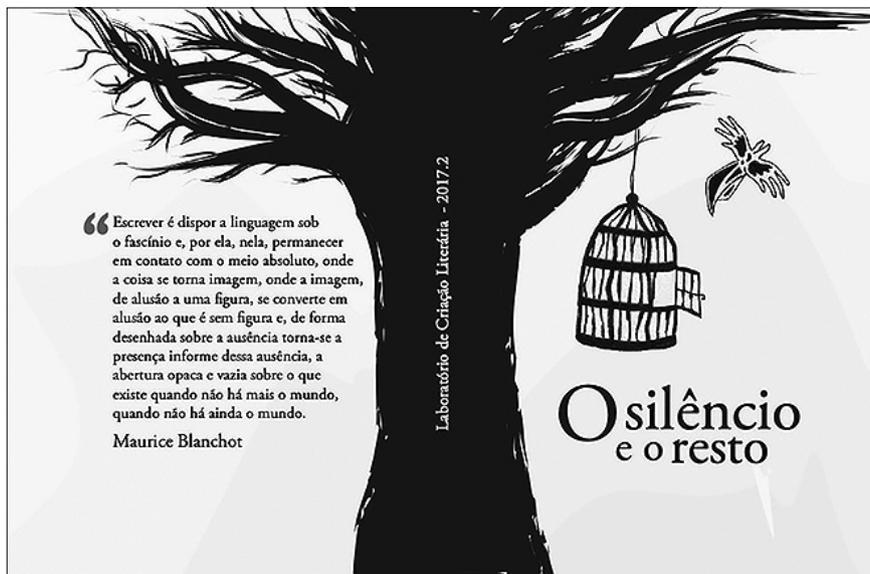
Assim se manifestaram nossos perplexos escritores, enfrentando as dificuldades da escrita, a inutilidade do ato, a angústia da folha em branco, a insuficiência da língua, as limitações das imagens. Mas seguimos todos sempre nesse caminho, sem nunca saber aonde vai dar.

hai-kai

O homem anda,
O sapo pula,
O urso panda.

(Jacinto Júnior)

Figura 2 - Capa do livro *O silêncio e o resto*



Fonte: livro *O silêncio e o resto*.

Lidar com a literatura, a poesia, é criar e pensar palavras-textos, é saber que nunca acharemos a verdade do discurso literário, mas é também não cessar de procurá-la. Não com fórmulas prontas, definidas, o pensar que se aplica sobre o texto e sobre nossa ilusão de que fazemos algo. Escrever

E quantos são os versos
esquecidos quando
deixamos de amar ...

(Madjer Pontes)

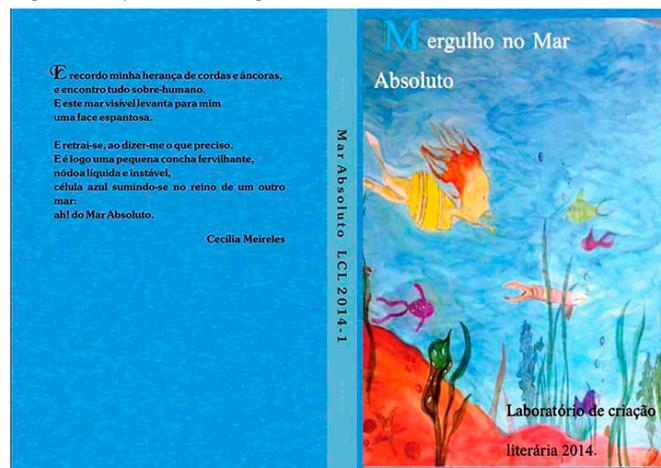
literatura é participar dessa hesitação, dessa incerteza, é duvidar das próprias verdades verificáveis e felizes que vemos nas coisas em que acreditamos. Sabemos que esse tipo de escritura convida a um caminho quase sempre difícil e perigoso. Seria bem mais fácil eleger pontos de referência para fazer literatura com uma forma, um significado, um centro, algo preso...

Uma experiência com a língua é a do quotidiano, a da língua gramatical (o código, o sistema), a de ter palavras, muitas palavras, as palavras de todos, as palavras do mundo, língua dupla, tripla, infinita. Essa língua finge ser mesmo antes de ser, é como se fosse uma coisa pronta, pré-fabricada, só esperando o uso. A outra é a língua da literatura, para a qual não temos palavras, a única e primeira, a palavra sempre começante, que se instaura, que se oferece, que se funda.

A linguagem da escritura não é uma língua como sistema. Dante Alighieri, no século XIV, procurava nas palavras “aquele vulgar ilustre que, deixando em todas o seu perfume, não se confundia com nenhuma” (AGAMBEN, 1999, p. 40). Enquanto o ser apenas compartilha a língua materna, a língua comum, que divide com os demais, ele participa de um sistema. Por mais que tenha a ilusão de dizer verdades, ele só diz *alguma coisa*, nem verdade nem metalinguagem. No momento em que se coloca diante da palavra única, é inevitável tomar partido, ou não se pode ser escritor. E esta língua não tem uma destinação, essa língua não tem identidade, porque quem escreve se coloca ante o vazio das palavras. Ele é então uma criança diante do que se expõe a ela. É o infante, do *latim infans, antis*, o que não fala, e portanto não tem o que dizer dela e sobre ela, por mais que ela acene com a promessa de produzir um sentido, de estabelecer um destino, sustentada em sua gramática, em sua tradição. O poeta é, então, esse infante que se coloca diante dessa vanidade, desse oco, desse vazio, mas não sabe como preenchê-lo, talvez não saiba nunca. Daí nasce a poesia, daí nasce a escritura.

Cada um dos escritores presentes nos encontros do Laboratório compartilha à sua própria maneira essa hesitação, essa incerteza, essa dúvida que compõem o ato de escrever. Eles, elas escrevem. Em desespero e alegria, atormentados pela escritura. Por que escrevem? Como essas escrituras veem lá fora? Que verdade pretendem descobrir, ou encobrir?

Figura 4 - Capa do livro *Mergulho no mar absoluto*



Fonte: livro *Mergulho no mar absoluto*.

Descobrir ou encobrir, elas e eles têm que se chamar eu a um outro eu, e dizem: meu nome é eu, eu é um outro, invadido de ternura e inquietude, e ora em frente, portanto, eu é ele, eu é ela. Escrevo postado num lugar chamado aqui, donde se supõe que emerja a enunciação, muito após o enunciado. Tempo infixado, de afetos e afetações, a mover-se livremente de minha morada para lugares inimagináveis. Deste lugar, vejo crianças a brincar de fadas no rebordo de um lago, bem à minha frente. No lago mergulho e surjo no tempo de aflição, onde se erguem os altos e grossos muros que escondem o mundo onde meus personagens se movem. Se fada fosse, dava um toque de varinha e pronto, acabava-se o sofrimento, restabelecia-se a ordem das coisas, estavam então os seres instalados em suas cadeiras a organizarem a ordem natural das coisas, e fica tudo bem, tudo bem graças a deus, tudo bem para sempre.

Dois olhares.
Um mesmo pensamento:
Amar é tão difícil.

(Luciana Braga)

Tudo bem para sempre, diz minha varinha, minha pena, caneta e sofrimento, que não consegue destrinçar o desafio angustiado da felicidade. Imagino assim: após os dois pontos, o possível, que só mostra o impossível, contudo imaginar é também sofrer, decido então preferir imaginar o que quer que seja, e a Flor e o Castelo arrastam-se então entre imaginações e não imaginações, o imaginário inelutável, a fantasia irresolvida.

Aflição e desespero suspendem a noção de desenlace, tiram-me o controle da caneta que perdi não sei onde. Não consigo sequer afirmar o próprio desespero: só consigo perguntar se é meu o desespero. Não posso nem dizer que eu sou eu afinal. Não posso ser senhor nem senhora da escritura, escritura afinal proibida, que parece originar-se nessas dúzias de cadernos com páginas amareladas escritas numa caligrafia antiga guardadas por uns cavalinhos de carrossel no sótão desta imensa casa, brinquedo ameaçador que promete contar ao Juiz derradeiro que li as páginas proibidas, que vi e conversei com antigos retratos, que me revelavam notícias de outros mortos, de uma família que nunca existiu e que aos poucos passou a existir.

sentada no mar
a lua
 espia
 o bar

(Maria Tatiane)

O atalaia me assombra: *noli me legere*, expressão sufocante da impossibilidade de ler isso aqui, eu que me refugio na solidão para buscar um caminho que não existe, eu que tento buscar verdades onde elas não estão, eu que peço a quem quer que seja que separe a verdade da mentira. Luto contra essa solidão, tento resgatar a narrativa e o poema da noite escura para a luz do dia, movimento no entanto vedado a mim: não me leia. Não posso ler o poema, não posso ler a narrativa, ponho-me então a repetir indefinidamente, girando em torno de minha própria cauda, como os verbos-cachorros dos que soltam os cães das palavras na esperança de que algumas, vibrando o rabicho de uma consoante alegre, descubram vivos nossos mortos, nosso saber que é preciso descobrir mas que é vedado desvelar. Por isso a escritura aflita retorna sempre ao mesmo ponto, passa pelos mesmos caminhos, na angústia da origem, sempre a recomençar algo que nunca começa e, portanto, nunca acaba, tornando as palavras imagens perdidas de objetos e seres inexistentes, como todas as minhas criaturas, amigos e amigas inexistentes que à força de inexistentes principiam a existir e se apoderam de nós, desfazendo-se como signos.

Poderíamos dizer que o texto literário é um nosso íntimo desconhecido que acumula revelações e ocultações e, sobretudo, renova sempre as possibilidades de deslindamento. Amar é não conhecer jamais o ser amado. O olhar amoroso apaixonado não é um ato de reconhecimento, mas de redescobertas. O ser amado, de aparência indefinida, desemboca numa construção de linguagem, construção sempre inquietante e invariavelmente desconfortável, sempre exposta e sempre oculta. Quem ama não quer mais dizer eu te amo, a palavra é precária, então é preciso sempre descobrir

A maré cheia
encobre as pedras.
Humanos, os erros.

(João Paulo Lopes)

novas formas de dizer. A poesia não quer e não precisa dizer as coisas do mundo, então o dizer é o que importa, mas como, se as palavras são insuficientes? A linguagem é precária, mas descortina possibilidades, e é a elas que o poeta tem que descobrir. O amor é uma experiência estética.

Suponho que seja assim que se escreve no Laboratório de Criação Literária.

Ao final do semestre, temos um livro com os trabalhos de todos. Páginas impressas e diagramadas em formato de livro, a capa idealizada e confeccionada por nossos desenhistas e fotógrafos, folhas dobradas, cuidadosamente costuradas, tudo unido em colas quentes e aparado com a guilhotina do bem. Tantas cópias quanto a soma dos desejos de cada um. Os títulos dos livros, alguns: *Tecendo a escritura*, *Em torno da escritura*, *Procedimentos de desaterrissagem*, *Ágrafa*, *Pulsações*, *O silêncio e o resto*, *Indefinito*.

E ao final, finalíssimo, o encontro regado de vinho e emoção.

A experiência com o Laboratório de Criação Literária não é uma experiência acadêmica, não é ensino de literatura. É antes uma vivência de escrever, escrever, escrever. Um pouco como a promessa de voltar para casa, mas uma promessa que não pode jamais ser cumprida, como se o voltar para casa estivesse sempre em uma linha do horizonte – tênue, leve, indefinida, como se o texto fosse sempre nesta direção sem direção, e que essa linha sempre se afastasse, delicadamente, docemente. E quanto mais ela se afasta, e quanto mais nos aproximamos, mais somos seduzidos e mais nos apaixonamos. Isso nos faz, a nós e à literatura, continuar andando, e caminhando, e seguindo. Por isso a arte vale a vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, G. *Ideia da prosa*. Tradução João Barrento. Lisboa: Ed. Cotovia, 1999.
- ANDRADE, C. D. de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- BLANCHOT, M. *O espaço literário*. Tradução Mário Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. (Org.). *Diante do mistério: psicologia e senso religioso*. São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 17 -32.
- PESSOA, F. *Livro do desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- PRADO, A. Arte como experiência religiosa. In: MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. (org.). *Diante do mistério: psicologia e senso religioso*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- PROUST, M. *Contre Sainte-Beuve*. Notas sobre crítica e literatura. Tradução Haroldo Ramanzini. São Paulo: Iluminuras, 1988.
- QUINTANA, M. *Caderno H*. 9. ed. São Paulo: Globo, 2003.
- RILKE, R. M. *Cartas a um jovem poeta*. Tradução Pedro Sússekind. Porto Alegre: L&PM, 2009.